

TÁTICAS DAS JUVENTUDES

Nivea Maria da Silva Andrade¹

Universidade Federal Fluminense

João Guerreiro²

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo apresenta, inicialmente, uma discussão sobre as práticas de defesa dos Direitos Humanos que vêm sendo realizadas pela juventude periférica através de uma pesquisa em andamento junto ao Instituto Enraizados, que congrega jovens do movimento Hip Hop que atuam em um bairro do município de Nova Iguaçu/RJ, situado na região denominada Baixada Fluminense/RJ. A metodologia da pesquisa utiliza como dispositivo inicial roda de conversas sobre os conhecimentos e processos de significações das produções imagéticas realizadas pelos próprios jovens a partir de palavras-temas desencadeadoras eleitas por ela(e)s. O artigo apresenta, a partir dessa pesquisa, algumas indicações sobre as táticas empregadas por esses jovens nas suas ações cotidianas visando dar concretude ou dar outros significados à visão hegemônica de que na periferia de um centro urbano como o município do Rio de Janeiro não existe direitos humanos, produção cultural ou mesmo potências de produção.

Palavras-chave: juventude; periferia; Baixada Fluminense.

¹ Professora Adjunta do Departamento Sociedade Educação e Conhecimento (SSE) e do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF). Doutora em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ). Possui pós-doutorado em Educação e Imagem pelo PROPED-UERJ, mestrado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003) e graduação (bacharelado e licenciatura) em História pela UFF (2000). É vice-coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório Ensino de História-UFF, e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas do Observatório Indisciplinar de Letramentos e Fazeres Culturais (IFRJ/UFRJ/UFRRJ/UFF). Tem experiência nas áreas de Educação e História, com ênfase em Currículo, Estudos dos Cotidianos, História Social da Cultura e Ensino de História. E-mail: niveandrade1@gmail.com

² Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF - 1992), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - 1998) e Doutorado em Políticas Públicas de Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da UFRJ (2013). Atualmente é professor do curso de graduação em Produção Cultural e da Pós-Graduação *Latu Sensu* em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (LACE) do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Exerce, ainda, a liderança do Grupo de Pesquisa OiCult (Observatório Indisciplinar de Fazeres Culturais e Letramentos) vinculado ao CNPq. Coordena o Grupo de Trabalho “Culturas e Juventudes” no Encontro Anual de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT/UFBA). E-mail: jguerreiro2@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1788-4132>

YOUTH TACTICS

Abstract

This article presents, initially, a discussion about the practices of Human Rights protection that have been carried out by the peripheral youth through a research in progress together with the Enraizados Institute, which is formed by young people of the Hip Hop movement that works in a neighborhood of the Municipality of Nova Iguaçu / RJ, located in the region called Baixada Fluminense / RJ. The research methodology uses a series of conversations about the meanings of the photos produced by these young people themselves, having as a starting point theme-words chosen by them. The article presents, from this research, some indications about the tactics employed by these young people in their daily actions aiming to give concreteness or give other meanings to the hegemonic view that in the periphery of an urban center like the municipality of Rio de Janeiro there are no human rights, cultural production or even production powers.

Keywords: youth; periphery; Baixada Fluminense.

TÁCTICAS DE LA JUVENTUDES

Resumen

El presente artículo presenta, inicialmente, una discusión sobre las acciones que viene siendo realizadas por la juventud periférica a través de una investigación en marcha junto al Instituto Enraizada, que congrega a jóvenes del movimiento Hip Hop que actúan en un barrio del municipio de Nova Iguaçu / En la región denominada Baixada Fluminense / RJ. La metodología de la investigación utiliza como dispositivo inicial rueda de conversaciones sobre las significaciones de las producciones imagéticas realizadas por los propios jóvenes a partir de palabras-temas desencadenantes elegidas por ella (e) s. El artículo presenta, a partir de esta investigación, algunas indicaciones sobre las tácticas empleadas por estos jóvenes en sus acciones diarias con el objetivo de dar concreción o dar otro significado a la visión hegemónica de que en la periferia de un centro urbano como el municipio de Río de Janeiro no hay derechos. Producción humana, cultural o incluso de producción.

Palabras clave: juventud; periferia; Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO

Governantes do lado dos “bancos”
Sociedade do lado dos “brancos”
Periferia do lado de baixo
Porque quando chove desliza os barrancos
E do lado de quem que cê tá?
Ou é lado B ou é lado A.

E com essa onda de polarizar
É fácil saber onde vamos parar

Mais jovem preto morto
Corpo encontrado no horto
Pobre passando sufoco
E a classe média achando pouco

Tá pouco né?
Tá pouco né?
Classe média achando pouco.
(Dudu de Morro Agudo, “Delatores VS Delatado”)

“Aqui fazer cinema é um ato de guerrilha” - frase que é quase um grito, quando pronunciada por Ricardo Rodrigues, idealizador do Cineclube “Cinema de Guerrilha da Baixada”. “Ser cineclubista na Baixada não é escolha, é sobrevivência”, outra frase que pronuncia o mundo e suas opressões. Esta última é de Heraldo HB, idealizador do Cineclube Mate com Angu. Duas narrativas, dois praticantes culturais (CERTEAU, 2007) de um mesmo território: Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.

Estabelecido no município de São João de Meriti, o Cinema de Guerrilha da Baixada é um produto da inquietação e angústia de um grupo de amantes do cinema que tinham uma necessidade de produzir e ver fruir seus filmes - documentários, ficção e tudo mais que um cineasta pode produzir. Por coincidência, a segunda frase é também de um cineasta, escritor, poeta, ou seja, um multi fazedor Cultural só que neste caso, do município de Duque de Caxias. O cineclube em questão é o “Mate com Angu”.

Ambos os cineastas tem pelo menos um ponto em comum nas suas entrevistas: realizam suas produções culturais apesar da ausência de apoio do poder público local, regional, estadual ou mesmo Federal. Como ambos afirmaram: nunca recebemos apoio público. No caso do “Mate com Angu” o idealizador, Heraldo HB, salienta que, “fomos um dos idealizadores do Iguacine (parceria entre uma organização da sociedade civil e a prefeitura de Nova Iguaçu) e o ‘Mate com Angu’ apoiador”. Ou seja, além de não receberem fomento, ainda fortalecem a cena audiovisual do município vizinho em uma ação na qual a prefeitura é parceira.

Começamos esse artigo com estas narrativas, para introduzirmos o nosso olhar sobre como a(o)s jovens - e outra(o)s agora nem tão jovens como no tempo que iniciaram suas ações culturais em uma periferia da região metropolitana de uma grande capital do sudeste do país - vem articulando, produzindo e consumindo produtos culturais diversos a despeito ou, porque não dizer, à margem do que o Estado e grande parte do poder hegemônico espera dela(e)s.

CULTURA JOVEM NA PERIFERIA

A mãe da virgem diz que não
E o anúncio da televisão
Estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...
E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo:
É! -- proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...
(Caetano Veloso, “É proibido proibir”)

Apesar de alguns autores apresentarem a virada do século XIX para o século XX como um importante momento para a construção da juventude como amalgama para as transformações geradas pela sociedade industrial para o consumo é, a partir de meados do século XX, que se consolida a juventude como sujeito mediado pelo consumo. Se no início do século XX, vemos a ampliação da produção de bens de consumo, surgimento de magazines e lojas de departamento (ENNE, 2010), é, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial que o consumo de massa ganha força e a juventude passa a ser mediada (e a se diferenciar) pelo consumo. Canclini (2005) vai chamar essas novas práticas de consumo como um movimento de construção de vínculos identitários que passam a diferenciar internamente a própria juventude. Passamos a olhar não mais para uma juventude, mas para diversos grupos juvenis distribuídos em *gangs*, tribos ou mesmo, em estilos de vida específicos. O consumo não apenas diferencia grupos, como passa a igualar os jovens no interior do seu próprio grupo.

Já na década de 1930, o hoje clássico estudo de White³ (2005) já prenunciava a forma de vida de filhos de imigrantes em Boston (EUA) auto-organizados em grupos/*gangs* dividindo territórios e se diferenciando de outros jovens pela forma de falar, vestir e se (com)portar. Mas, é a partir da década de 1960 que estas juventudes, de um lado vistas como portadoras de novas concepções de vida e de mundo e, por outro, como rompedora com as tradições das gerações de seus pais, passam a serem vistas como “sujeitos portadores de direitos”. Tomarão as ruas da Europa, Estados Unidos e Brasil se insurgindo contra o “status quo” (CARRANO e SPOSITO. 2003). “É proibido proibir”, “é proibido não colar cartaz”, “faça amor não faça guerra” são algumas das frases de ordem que atravessam os países ocidentais e ocupam os muros das cidades. Parte dessas juventudes “perigosas”, que precisa ser normalizada e retornar ao projeto geracional - crescer na escola, entrar no mercado de trabalho e tornar-

³ “Sociedade de Esquina” foi o produzido entre 1936 e 1940, mas teve a sua primeira publicação apenas em 1943.

se adulta, casar e ter filhos que deverão crescer na escola, entra no mercado de trabalho... - começa a questionar seu futuro.

Já na década de 1960, primeiro na Filadélfia e, depois em Nova York (EUA), encontraremos gangues de jovens filhos de imigrantes que passam a delimitar seu território, agora utilizando o graffti (FERRO, 2010). Essa juventude insatisfeita com o seu presente e com a configuração de futuro, principalmente com o a interferência estadunidense e envio de jovens para a chamada Guerra do Vietnam. Internamente, disputa por escritas nos muros das cidades e oposição a um destino já pré-fabricado.

Já no início da década de 1970, com a primeira crise do petróleo e o início do desmonte do chamado Estado do Bem-estar Social, este projeto geracional começa a ruir nos países centrais. Não é possível garantir a linearidade do tempo: estudar e se formar para um mercado de trabalho que a todos absorve; tornar-se adulto, casar e constituir família, deixa de ser um caminho “natural” para o jovem morador ocidental que vive na Europa e mesmo no Estados Unidos. É também nessa década que o graffiti, junto com a dança, a música e a poesia vão estabelecer os fundamentos do movimento hip hop saindo das periferias das cidades estadunidenses para se hibridar com as juventudes das periferias de outras cidades do mundo. É o momento de “paz, amor, unidade e diversão”.

Aqui na periferia ou no chamado Terceiro Mundo, veremos o reflexo do chamado movimento de Maio de (19)68 com o endurecimento da ditadura civil-militar (1964/1985) com os movimentos da juventude, principalmente com suas representações institucionais (União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, principalmente). Mortos e desaparecidos, os jovens vão ter o seu protagonismo embaçado na cena política até meados da década de 1980.

Apenas a partir do processo de redemocratização, mas, principalmente, no movimento de impeachment do então presidente Fernando Collor, que retornamos a ouvir falar dos jovens não mais como alienados ou conformados.

Os denominados “cara pintadas” tiveram importante papel no processo de impedimento de Collor de Mello.

Mas, e os nossos jovens e nossas jovens da periferia ou das favelas, qual espaços ocupavam naquele período e hoje? Essa é uma pergunta de difícil e única resposta. Primeiro porque comungamos com quem entende a juventude como uma fase biológica, mas não apenas como tal. E, enquanto, fruto das relações complexas de formação identitária e de consciência de si, necessitaria que a categorizássemos em termos de classe social, etnia, territórios de moradia, trabalho, lazer etc. A juventude subalternizada das periferias e favelas ocupavam sonhos, gostos e realidades diferentes daquelas juventudes retratadas nas caras pintadas que apareciam nos jornais e nas televisões. A juventude periférica continuaria ser vista como a juventude “perigosa” da década de 1960, porém por motivos diferentes.

Se o início do fim do projeto que poderíamos chamar de “estabilidade juvenis” nos países centrais se dá com a crise de 1973, aqui, onde o chamado Estado do Bem-estar Social sequer se consolidou, o problema já se encontra mais grave. A crise econômica que vai atingir os países periféricos desde 1974 e por toda a década de 1980, e vai provocar como resposta das principais agências de créditos internacionais, um forte projeto de ajuste econômico nos países periféricos. Com o seu ideário fundado na diminuição dos benefícios do Estado do Bem-estar Social, instituições como o Fundo Monetário Internacional (F.M.I.) e o Banco Mundial, vão condicionar o acesso às linhas de crédito para os governos dos países periféricos, ao estabelecimento de reformas visando a diminuição do tamanho e importância do Estado nos diversos setores da economia.

A retração no mercado de trabalho e na renda vai justamente impactar diretamente os jovens das periferias. Os níveis de desigualdade se ampliam na década de 1980, assim como os números da violência urbana. Mike Davis (2006) vai sustentar que essa política vai criar uma periferia global. A segregação socioespacial amplia o fosso entre as fronteiras dos bairros

populares/favelas/periferias e a chamada cidade com acesso aos equipamentos públicos (hospitais, escolas de ensino médio, saneamento básico etc.).

Conhecido aqui no Brasil como a “década perdida”, os anos 1980 serão de grande crise. O final da ditadura civil-militar após 21 anos de poder, a já citada crise, um período de hiperinflação com desemprego alto, vai impactar diretamente os jovens periféricos.

Já as políticas para a juventude passam a ser centradas nas ações dessas Organizações Não Governamentais (Ongs). Segundo Dagnino (1994), podemos perceber a construção de novas narrativas segundo as quais, para os jovens que moram em favelas e periferias, os projetos ofertados pelas Ongs são alternativas à criminalidade, pois esses territórios são vistos como produtores de violência. É neste período que o Estado brasileiro, na sua fase mais neoliberal, repassa para as instituições ditas filantrópicas a execução de ações sociais que deveriam ser realizadas pelo Estado. Não esqueçamos que o mesmo ocorre na área Cultural com a regulamentação de chamada Lei Rouanet através da qual o Estado abre mão de planejar e executar a política cultural delegando essas ações às grandes empresas. Lembremos que o lema utilizado pelo então Ministério da Cultura era: “Cultura é um bom negócio”.

Mas, voltando aos jovens periféricos, estes passam a ser vistos como objeto das ações das ONGs. Os que não são alcançados pelos projetos, são descartados e devem ser alcançados pelos braços da segurança pública. O Estado Penal brasileiro se estabelece nesse período tendo como grande inimigo, não mais os “comunistas”, mas, agora, os jovens pobres, pretos e moradores das áreas “perigosas”: favelas e periferias.

Porém, se pelo lado das forças de segurança e do poder hegemônico, ao se olhar para as favelas e periferias, só veem homogeneização entre os jovens, a realidade é bem diversa. Como já vimos, falamos em juventudes no plural.

Mesmo no próprio período anterior ao processo de redemocratização do país, jovens de periferia passam a participar de diversos movimentos sociais

que vão desembocar no Movimento “Diretas Já” (1983-1984): movimento negro, pela reforma urbana, direito à Cidade, movimento feminista, entre outros. As discussões e debates sobre as produções culturais na periferia acabam se fortalecendo com as ações dos projetos sociais que acabam se convertendo em projetos socioculturais. Esses projetos potencializam o que vem sendo produzido pelos seus “objetos”. A própria juventude beneficiária (ou com a sugestiva designação de “público-alvo”) dos projetos ofertados pelas ONGs passa a se constituir como “uma juventude portadora de direitos”. Apesar dos cursos ofertados não terem, na sua maior parte, sido discutidos ou demandados por esses jovens, o fato deles começarem a questionar a oferta, faz surgir alguns focos de consciência de direitos frente aos projetos executados.

UM GRUPO DE HIP HOP EM NOVA IGUAÇU

Acelerando o tempo, chegamos, em 2018, à Morro Agudo, bairro de Nova Iguaçu/RJ. Estamos na sede do Instituto Enraizados.

Um dos mais importantes grupos da cultura hip hop da periferia do Rio de Janeiro, o Enraizados é composto majoritariamente por jovens do bairro. Surge na década de 1990, cresce nos anos 2000 e, se consolida na década de 2010.

O ano é de 2016. O local é a sede provisória do Instituto Enraizado. A conversa que começará em alguns minutos é com Dudu de Morro Agudo, idealizador do Movimento Hip Hop Enraizado.

- O que é fazer cultura para você nessa periferia de uma capital que funciona como uma draga de recursos, investimentos e população?

- “Fazer cultura aqui na Baixada Fluminense é resistência. Antigamente era um grupo de pessoas que se reunia e fazia. Hoje em dia a molecada, isso dentro do *rap* também, tá se unindo com outras vertentes, criando. E os caras estão criando nessa forma de resistência.”

Esse antigamente a que Dudu de Morro Agudo se refere é um determinado momento da década de 1970. Segundo ele, tem uma geração da década de 1970 que fazia poesia, escrevia livro, vendia nos bares e que foi influenciando uma produção cultural periférica. “Se hoje estamos aqui, é porque eles estiveram aqui antes de nós e jogaram a semente” (DUDU DE MORRO AGUDO, 2016).

Se, como vimos, nas décadas de 1980 e 1990, os Projetos socioculturais das ONGs tiveram os jovens da periferia como objeto e fonte de lucro, a partir dos anos 2000, mais precisamente, a partir das discussões nas Conferências Municipais e Regionais de Cultura, conferências essas preparatórias e que desembocaram nas Conferências Nacionais de Cultura (2005, 2010 e 2013) e na constituição da Secretaria Nacional da Juventude (2005) percebemos que esses jovens periféricos passam a protagonizar suas ações e a exigir o seu papel de sujeito, não mais de objeto.

Há uma mudança em curso dos jovens da periferia da década de 1970, 1980 e 1990. Na virada do século XXI, os movimentos e coletivos culturais passam a dialogar diretamente com os formuladores de políticas públicas e, em alguns casos, passam a ser eles próprios formuladores dessas políticas. Na área da Cultura, negociam, não sem tensões, editais específicos que lhes fortaleçam diretamente, como são os casos dos Editais dos Pontos de Cultura, da Cultura Digital, entre outros.

Um importante momento desse movimento da juventude periférica vai ocorrer em 2015, na Baixada Fluminense (BF). Depois de algumas negociações realizadas pelos produtores culturais da BF com o então Ministério da Cultura (MinC), o ministro Juca Ferreira esteve no Ponto de Cultura Lira de Ouro, em Duque de Caxias, para realizar uma roda de conversa diretamente com os produtores da BF. Todo o segundo escalão do MinC esteve presente. Foi um momento de negociação direta dos jovens produtores culturais periféricos com o representante do Estado sobre suas demandas, necessidades e sem a intermediação, seja de representantes partidários, seja de representantes de ONGs.

Mas, as ações fruto do início do processo de produção da política cultural em rede ainda foram muito tímidas frente ao grau de desigualdade produzida nos últimos 500 anos de História brasileira. Muito da política construída com a participação da sociedade civil, não chegou aos municípios fora das capitais. Muitas políticas não foram, de fato, territorializadas. Tendo como exemplo a vinda do Ministro à Duque de Caxias, os editais para a Baixada Fluminense prometidos na ocasião, nunca chegaram a deixar de ser discurso.

Voltemos à Morro Agudo e ao Enraizados. Hora de nos apresentarmos. Somos dois professores-pesquisadores de duas instituições de ensino superior sediadas na Baixada Fluminense e em Niterói/RJ - respectivamente IFRJ e UFF. Chegamos ao Enraizados a partir de um percurso que começou em uma escola pública na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, caminhou até uma escola pública no bairro de Morro Agudo e, nos levou ao Instituto Enraizados.

Um dos fios deste percurso é a prática metodológica que temos chamado de Roda Imagem Conversa. Roda porque é uma metodologia que volta a si mesma para subverter-se sempre.

Ainda que tenhamos questões iniciais, elas se transformam, mudam de lugar, mudam a direção, ganham outros percursos como em uma mandala feita para se desfazer. Passados dois anos da conversa com Dudu de Morro Agudo, voltamos ao Instituto Enraizados em julho de 2018, quando propomos a prática da Roda Imagem Conversa, agora com os participantes do Movimento.

Algumas coisas mudaram. Não nos encontramos na sede provisória no Jardim Nova Era. Agora, o Instituto Enraizados está com a sua nova sede no centro de Morro Agudo. Chegamos no horário marcado e as pessoas já estavam nos aguardando. O grupo era composto por 10 jovens de 18 a 25 anos, uma pequena poeta de 7 anos acompanhada pela mãe e mais 5 praticantes da cena cultural de Nova Iguaçu. Estes não eram tão jovens, mas tinham na juventude seus principais interlocutores. Um deles era o rapper Dudu de Morro Agudo. Os demais eram professores de escolas da região e poetas iguaçuenses.

Após a apresentação de todas e todos, explicamos a nossa proposta que consiste em escolhermos uma palavra relacionada ao debate sobre Direitos Humanos, palavra esta que seria escolhida pelo grupo por ser muito usada, mas pouco discutida. Queríamos escolher palavras esvaziadas pelos discursos midiáticos sobre os Direitos Humanos. A nossa proposta inicial era pensar Democracia, mas o grupo logo inverteu a roda e nos propôs pensarmos Território e Sociedade. Foram estes os temas dos nossos dois primeiros encontros.

Após a escolha da primeira palavra, território, dividimos os participantes em quatro grupos. Cada grupo ganhou uma máquina fotográfica e foi convidado a produzirem imagens com o tema território. Tinham 15 minutos para realizarem quantas imagens desejassem. Saíram por Morro Agudo e retornaram trazendo as suas significações e usos para Território. Entre as imagens estava esta:



Fotografia: Vitor Carvalho

Projetamos as fotos na parede e começamos a nossa roda de conversa tendo as imagens como mote, como provocadoras de reflexões. A nossa proposta não era buscarmos a intenção daquele que fez a foto, mas pensarmos nos usos das imagens para a produção de conhecimentos e significações para os temas abordados, para o debate sobre Direitos Humanos e para a vida cotidiana daqueles jovens.

A primeira imagem apresenta a entrada do Instituto Enraizados, que segundo a explicação de um dos jovens fotógrafos, “é a parte do território em que você se sente bem”, apontando para a reflexão de que território passa por segregação e movimentos de produção de diferenças, semelhanças e identidades. O orelhão se exhibe na foto quase como um penetra, um objeto alheio ao foco no grafite. Mas o que pode ser visto como um apêndice, desvia o nosso olhar e se exhibe como resistência. Resistência do telefone público em um território de culto ao privado e as privatizações. Ele mesmo fruto desta política privatista, mas resistente em sua proposta de atender ao público, resistente aos atos violentos de quem arranca-lhe o fio, quebra-lhe o fone por não ver no público algo que de fato lhe contempla. Tem direito a hospital público de qualidade? E escola pública? Sofre o público e tudo o que lhe representa. Vende-se o discurso de que se é privado é bom. E o orelhão resiste, tal como resiste o Enraizados, como raiz de Ficos mas também como rizoma. E assim o Enraizados faz seu território, se desterritorializando como o orelhão, porque sendo sempre Morro Agudo, os enraizados se enraízam por outros espaçostempos. A escola de rap hoje é conhecida internacionalmente.

A segunda imagem retrata a linha férrea da cidade, a linha Central-Japeri, hoje administrada pela concessionária Supervia, empresa que recebe o lucro dos 4 ramais ferroviários que ligam o centro da cidade do Rio de Janeiro à Zona Oeste e a oito municípios da Baixada Fluminense. Partindo da Central do Brasil, a linha Japeri passa por Nilópolis, Nova Iguaçu e Queimados, tendo sido o maior ramal da antiga Estrada de Ferro D. Pedro II. Lilia Schwarcz (2017) nos explica que

quando da inauguração da Estrada de Ferro Dom Pedro II, em 29 de março de 1858, os subúrbios contavam com as estações de Engenho Novo, Cascadura, Maxambomba (Nova Iguaçu) e Queimados. No ano seguinte, a linha seria ampliada com a inauguração das estações de São Cristóvão, Sapopemba (Deodoro) e Belém (Japeri). De modo geral, as estações do subúrbio foram surgindo ao longo das últimas décadas do século XIX e início do XX, conforme o adensamento da população e a constituição dos bairros, que vão se formando no lugar de antigas fazendas, sítios e terrenos privados (p. 129).

Crescem ao redor das linhas férreas, os bairros do subúrbio carioca e as cidades da Baixada Fluminense por terem terrenos e lotes de terra com menores custos. A proximidade com o trem garante também a mobilidade do trabalhador que precisa recorrer ao centro do Rio de Janeiro para permanecer no mercado de trabalho. O trem marca o cotidiano e as expressões identitárias da Baixada. A linha do trem, por vezes, é fronteira entre territórios, marca hierarquias. O trem por sua vez, é espaço-tempo de produção da sobrevivência. Nele, o trabalhador dorme o pouco que não conseguiu dormir porque precisou acordar de madrugada para chegar à Central em tempo de pegar um ônibus para seu emprego. Nele, o trabalhador compra e come um lanche. Por vezes, é o produto vendido no trem que será o jantar da família: linguça, empanados de frango congelados (e nem tão congelados assim), iogurtes e biscoitos entre tantos outros produtos, comercializados por trabalhadores que driblam a norma que proíbe o comércio no trem. Mas a economia do trem não se restringe a isso. Poetas, cantores, atores, dançarinos fazem do trem o seu palco, solicitando em troca do momento em que arte suspende o cansaço, uma contribuição dos expectadores. O trem, no entanto, é o lugar do desrespeito ao trabalhador/consumidor. Horários restritos e não cumpridos, desinformação, passagens caras, pouca acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida, estações sem infraestrutura entre tantos outros problemas que só podem ser listados por quem usa frequentemente este meio de transporte. Denunciando e problematizando esta listagem de agruras pelas quais passa o consumidor do trem, os nossos jovens fotógrafos produziram esta foto:



Fotografia: acervo dos autores

Ao verem a foto que elas/eles produziram, brincam:

“Ah! o calote!”

“Essa foto tá ótima!”

“Tiveram o cuidado de quebrar o quadradinho, né?”

“Tiraram os tijolos! Parece encaixado.”

“Inclusivo! Calote inclusivo.kkkkk”

“Pensado aqui...A pessoa fez aula de arquitetura só pra mexer no calote!”

O buraco cuidadosamente recortado no muro que margeia a linha férrea da cidade serve de passagem para aqueles que não podem ou não querem pagar as caras passagens impostas pela concessionária do trem. Na conversa, um dos rapazes nos conta: “Eu não preciso passar por este buraco. Posso pagar e pago a passagem.” - O outro retruca: Não posso pagar, mas nem que eu pudesse, eu pagaria. Se o governo paga as dívidas da Supervia, porque eu tenho que pagar?”

A reflexão do jovem fotógrafo denuncia uma condição histórica da estrada de ferro: os compromissos estreitos entre o Estado e o capital privado. Fernando Brame, no livro *O Império sobre os trilhos*, nos conta esta história:

O Estado imperial brasileiro não se limitou a representar e sustentar os interesses da aristocracia rural escravista. Para viabilizar o desenvolvimento ferroviário fluminense, o Estado (imperial e provincial) apoiou o empreendedorismo e o espírito de associação das frações de classe da nascente burguesia nacional interessada nos investimentos em vias férreas (BRAME, 2014. p. 175).

Mais adiante, o autor conclui: “Sem o apoio estatal, a iniciativa privada jamais teria desenvolvido um sistema de transporte ferroviário... p. 176.” Se a análise de Brame se refere ao século XIX, pela reflexão do jovem fotógrafo do século XXI, o Estado (agora republicano) mantém seus vínculos estreitos com a iniciativa privada. Se o público e o privado se misturam, o que é privado poder ser de todas e todos através do buraco no muro do trem.

Percebemos, tanto na prática de fazer o buraco quanto na narrativa sobre a prática (que segundo Certeau, acaba por ser uma prática também) mais um exemplo das inúmeras táticas cotidianas de ser e estar no mundo apesar do poder opressor. Táticas que encontram conhecimentos produzidos na vida para burlar as opressões. É preciso ser “arquiteto” para calcular no espaçotempo os meios de viver.

Certeau lembra que por durante muito tempo se estudou “que equívoco rachava por dentro, o “sucesso” dos colonizadores espanhóis entre as étnicas indígenas”. Segundo o autor, “os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir (2012. p.39).” Chamando atenção para os usos, Certeau nos convida a pensar os meios “populares” de usar culturas diferenciadas.

Nossos jovens usam um sistema de transporte excludente, produzindo suas maneiras de ser e estar no mundo. Outra fotografia, que não vamos colocar aqui para não expor a imagem do trabalhador, apresentava um rapaz com colete de faixas amarelas, segurando uma motocicleta da calçada. O jovem que tirou a fotografia, nos explicou:

Eu tirei essa foto para mostrar como o território é dinâmico. Em determinado horário, em determinado tempo aquele é o território do mototáxi, o ponto do mototáxi, de quem pega mototáxi. E se você passar em outro dia, em outro horário, são outras pessoas que ocupam aquele espaço. O território não é estático, por isso eu coloquei a imagem.

Em conversas, puxamos fios que geram outros debates. E por este motivo, outro jovem continuou:

Eu acho que de um tempo para cá, o mototáxi é a cara de qualquer bairro periférico. Representando o bairro periférico, tem o mototáxi, qualquer lugar que “tu chegar” na periferia vai ter um mototáxi. Perto da estação, ou perto de um ponto de ônibus principal da cidade. Sempre tem algum mototáxi por aí.

Entendo as táticas como nos propõe Certeau, como práticas cotidianas que não se reduzem a exercer aquilo que o poder determina (2007), o uso do mototaxi na produção dos espaços/tempos de regiões periféricas é o mototaxi é uma tática para subverter o poder hegemônico, e nesse caso monopolista das empresas de ônibus e da Supervia (empresa que controla o tráfego dos trens no Rio de Janeiro), que busca impor um modelo de mobilidade urbana. As regiões periféricas são vistas como as que devem receber o transporte apenas para que os moradores durmam em suas casas e saiam, de manhã para o trabalho. Conhecido como movimento pendular, fazem a ligação casa-trabalho-casa nos horários ditos normais 5h às 20h. O mototaxi burla esse movimento, rompendo com a direção pendular da mobilidade, levando os moradores para outros bairros limítrofes, mas que não dispõem de trem, nem de outro transporte público. E, ainda ampliam o horário de circulação do morador para horários fora do chamado horário do expediente.

Uma leitura apressada da noção de tática em Certeau pode gerar uma interpretação simplista e moralista das táticas como ações benéficas contra um poder opressor, quando as táticas por si só, não carregam um conteúdo moral. E os jovens do Enraizados bem sabem disso, quando nos lembram que em várias regiões, os mototaxis estão ligados aos milicianos: “É claro que todo mototaxi tem dois lados!” Lembra uma menina, complementada por outra que ri e diz: “Mototáxi é Lado A e Lado B!”

O buraco arquitetado, o uso do mototaxi, não seriam estas algumas práticas de guerrilha? Che Guevera (1964) nos ensina que “dinamismo, iniciativa, mobilidade, decisão rápida ante situações novas”, são, na verdade, uma “síntese soma da tática guerrilheira”.

REPENSANDO NOSSO PERCURSO

O conceito de periferia não caberia em nenhuma definição externa senão nos próprios cidadãos periféricos, que, marginalizados pelas centralidades geográficas, afetivas, sociais e/ou estéticas se deslocam cotidianamente rumo ao centro de suas vontades e necessidades. (Brandão, 2016, s/p)

Encerramos essa conversa retomando o início: podemos falar em juventudes periféricas? O que demarca a fronteira entre esse recorte de juventude que fizemos junto ao grupo de Morro Agudo e as juventudes que moram nas favelas no entorno dos bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro? Conseguimos nomear o local de nossa conversa e as imagens produzidas partindo da relação hoje já consolidada tanto na geografia, como na economia urbana entre centro e periferia?

Como vimos nas narrativas das rodas de imagem conversa com os jovens do Instituto Enraizado, as táticas utilizadas estão muito “impregnadas” pelas relações construídas nos espaços por eles usados. Por outro lado, pudemos ver o quão complexo é a apropriação desses espaços em relação ao poder hegemônico.

Garantindo a mobilidade com mobilidade, nossos jovens fotógrafos ressignificam suas guerrilhas cotidianas, rachando os muros da opressão, produzindo táticas que exprimem “toda a difícil arte da guerra popular” (GUEVARA, 1964). Arte de sobreviver.

REFERÊNCIAS

BROME, Fernando. **O Império sobre os trilhos II: estado, disputas políticas e articulação socioespacial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

BRANDÃO, Rebecca. Por uma estética do deslocamento. **Agulha: calendário cultural**. Junho de 2017, nº 5, p. 7. Disponível em: <https://issuu.com/agulha.cc/docs/digital2>. Acesso em 29/04/2019.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: Dagnino E. (Org.) **Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

DUDU de Morro Agudo. Entrevista concedida a João Guerreiro. Junho de 2016.

ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. In: **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, vol. 7, n. 20, nov. 2010, p. 13-35.

FERRO, Lídia. O grafitti mediador: reflexões sobre as metamorfoses das práticas em três cidades. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). **Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras**. 7Letras, 2010, p. 75-91.

GUERREIRO, João e CORRÊA, Larissa. Ações culturais na Baixada Fluminense/RJ: apontamentos iniciais. **Anais do X ENECULT (Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura)**. UFBa, Salvador, 2010.

GUEVARA, Ernesto Che. Prólogo ao livro de Vo Nguyen Giap, **Guerra do povo, exército do povo**, Editora Política, Habana 1964

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. 2 v. Brasília: CNPD, p. 731-752.

SPOSITO, Marília e CARRANO, Paulo Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. 2003, n.24, pp.16-39

SCHWARCZ, Lilia M. Da minha janela vejo o mundo passar: *Lima Barreto, o centro e os subúrbios*. In: **Estud. av.** vol.31 no.91 São Paulo Sep./Dec. 2017.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. *A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.